

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE QUANDO NÃO HAVIA TRATAMENTO

Prof. Dr. José Rosemberg*

A terapêutica efetiva da Tuberculose instituiu-se a partir dos anos 40 e 50 com a quimioterapia moderna. Do final do século passado até meados do século XX, imperaram a colapsoterapia médico-cirúrgica e as ressecções pulmonares, que embora racionais, tiveram baixo rendimento. Sobre estes voltaremos em artigo futuro.

Durante cerca de 3 milênios, não havia tratamento, os métodos empregados eram inócuos, bárbaros, românticos e, até, eróticos. Nas antigas civilizações persas e hindus, os sintomas hemoptóicos eram tratados com infusão de repolho ou pó de casaca de caranguejo. Há receitas de fígado de lobo e, vinho tinto. O grande Avicena, mais romântico, recomendava infusão de rosas vermelhas em mel. Para a tosse crônica, houve receitas persas de comer crocodilo cozido e hindus, de pele de burro emulsionado em mel. Por volta de 75 d.C. Diascoride empregou resina de múmias egípcias emulsionada em mel. Esse tratamento, só para pacientes ricos, foi empregado por séculos; Luís XIII e o primogênito de Luís XIV, na França, foram assim tratados.

Sete tipos de tratamento, constituindo o "septeto da panacéia" operaram por mais de mil anos: sangria, purgativos, ventosas, vesicatórios, eméticos, sanguessugas, clisteres.

O maior crítico desse descalabro foi Molière (que sofreu e morreu de tuberculose) em sua peça "O Doente Imaginário". Avicena, Averroes e Galeno mandavam espalhar folhas de rosas vermelhas no assoalho dos quartos dos tísicos. Na Renascença, médicos de Roma, recomendavam passeios de barco em Veneza, ouvindo canções cróticas. Eram tantos os tratamentos inúteis, que Plínio, "o velho", fustigou clamando contra "o amontoado incrível de receitas bizarras". Nessa época imperava o tratamento da Tuberculose com leite de jumenta, que imperou por cerca de 2000 anos, de camela e da fêmea de elefante. Este tratamento era caro e a Marquesa de Pompadour, que morreu tísica com complicação laringeana, ingeriu centenas de litros de leite. Avicena recomendava leite de mulher. Petrus Forestus, na Roma da Renascença, recomendava que o leite deveria ser o mais fresco possível, e sugado diretamente da mama, portanto ela deveria dormir com o doente. O Tísico deveria ser muito rico e tinha que contratar jovem lactante, o que era difícil, custava os olhos da cara! Porém, nada mais romântico-erótico ... Neandes, na Alemanha, em 1650, publicou o tratado "Tabacologia", no qual indicou o tabaco no tratamento de mais de 30 doenças e, é claro, também de Tuberculose. Os tísicos deveriam tomar infusões de tabaco e, como sempre, em mel.

Desde Clóvis, Rei dos Francos, século VI, os reis cristãos usaram a taumaturgia de tocar com uma moeda de ouro as escrófulas dos tísicos, por ser a única lesão exteriorizada da doença. Multidões de tuberculosos, caquéticos, esqueléticos, corriam para rece-

ber o toque durante o qual sentenciava-se: "o Rei te toca, Deus te cura". Henrique IV da França transformou o cerimonial em teatro. Carlos II da Inglaterra chegou a tocar mais de 29 mil escrofulosos. Essa prática vigorou por mais de mil anos. O último cerimonial foi na coroação de Carlos X da França, em 1825, quando foram tocados 130 tuberculosos.

Outro tratamento que durou cerca de 20 séculos, foi a sangria. Este era aplicado até o dia da morte do enfermo. Dos tuberculosos célebres, que foram submetidos a sangrias continuadas, citam-se o filho de Napoleão chamado Iéglon (além da sangria davam-lhe banho em infusão de tripas de porco, após cavalgadas estafantes!), Luís XIII da França, Paganini, Pergolesi, Boccherini, Rembrandt, Gauguin, Weber, Watteaus, Dama das Camélias, Chopin, Byron, ninguém escapava. Este último, poeta romântico, fez acerbas críticas aos médicos: "Vocês matam mais com suas lancetas que os soldados com suas lanças!"

Por ironia da História, o tratamento que maior mortandade causou, foi de Koch que descobriu o bacilo da tuberculose em 1882. Em 1890 publicou o célebre artigo "Sobre um remédio para a cura da Tuberculose". Experiências em animais levaram Koch a pensar que a tuberculina, substância elaborada pelo bacilo da tuberculose, poderia fazer regredir as lesões pulmonares dos tísicos. A notícia foi uma verdadeira bomba. Milhares de tuberculosos afluíram, a Berlim para se tratar com a tuberculina que chegou a custar mil dólares por centímetro cúbico. Não tardou para que a euforia internacional se transformasse em cruel desencanto. Com as doses elevadas de tuberculina então administradas, os tísicos sofreram intensas reações alérgicas com fenômenos sistêmicos graves, progressões lesionais extensas, destruições pulmonares, levando rapidamente à morte. Estima-se que no total devem ter morrido cerca de uma dezena de milhares de tuberculosos. A tuberculina foi abandonada até 1908, quando Von Pirquet demonstrou que, aplicada em doses mínimas, serve para diagnosticar se o organismo está infectado com o *Mycobacterium tuberculosis*. Hoje, a tuberculina é uma das mais importantes armas para estudos epidemiológicos da tuberculose.